

FECHA OS OLHOS E VÊ¹

SHUT YOUR EYES AND SEE IT

Beth Moysés

Artista

Resumo: Beth Moysés, por meio de suas lembranças, narra suas proposições artísticas realizadas desde 1994 no Brasil e no exterior. Com riqueza de detalhes descreve suas obras, como objetos, fotografias, vídeos, instalações e performances com as quais vem participando de exposições individuais e coletivas, em curadorias que giram em torno de questões sobre mulher, feminismo e a violência doméstica. A imersão na linguagem levou-a a trabalhar com coletivos artísticos, com mulheres voluntárias, muitas delas vítimas da violência em colaboração com Casas Abrigo do mundo todo.

Palavras-chave: Arte; Instalações; Performances; Violência contra a mulher..

Abstract: *Beth Moysés, through her memories, narrates her artistic proposals made since 1994 in Brazil and abroad. With a wealth of details she describes her works, as objects, photographs, videos, installations and performances with which she has been participating in individual and collective exhibitions, in curatorships that revolve around issues about women, feminism and domestic violence. Her immersion in language led her to work with artistic collectives, with volunteer women, many of them victims of violence in collaboration with Shelter from around the world.*

keywords: *Art; Installations; Performances; Violence against women..*

1 JAMES, Joyce. **Ulysses**. Tradução: Caetano Waldrigues Galindo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 280.



Se o homem não fechasse soberanamente os olhos, acabaria por não ver mais aquilo que vale a pena ser olhado. René Char

Meu trabalho é muito autobiográfico, vida e arte são imbricadas de tal forma que é praticamente impossível falar dele sem falar das minhas lembranças. Eu trago para a minha arte a minha vivência, a minha infância. Em 1994, meu pai, com quem tive uma relação muito forte de amor e dor, faleceu. Nesse mesmo ano, em uma manhã, senti que algo estava diferente. Ao me olhar no espelho, não me vi. Estava tudo escuro. Minhas pálpebras haviam se fechado involuntariamente, velando meu contato com o mundo exterior. Durante seis meses, meus olhos não se abriram mais, e eu mergulhei no meu mundo interior de maneira intensa, em um longo



processo de dor, mas também de autoconhecimento. Quando finalmente minhas pálpebras se abriram, o mundo interno e o externo estavam irremediavelmente diferentes. Memórias antigas já não serviam mais, e eu estava pronta para viver novas ideias, e lentamente, tentar costurar o universo externo com o universo interno.

(0) Nessa época, comecei a pedir para amigas e conhecidas os seus vestidos usados de noiva. Aqueles vestidos me fizeram refletir sobre os múltiplos sentimentos que o traje emanava: o real e o imaginário, o encanto e a desilusão, afeto e violência. Esse foi um ponto de virada muito marcante no meu trabalho. Ouvi as histórias das donas dos vestidos, e por um longo período coletei peças usadas, amareladas pelo tempo que estavam guardadas, corroídas por traças. Entrei na intimidade de cada uma delas, vasculhei suas histórias, e tornei o que era privado, público.

O vestido de noiva é uma fantasia que aparentemente é intocável. Eu desconstruí esse símbolo, virei ele do avesso, cortei, arranquei pérolas. De início, o trabalho tratava o corpo individualmente, cada traje representava uma

(0) Pinturas – Objetos – Exposição Itaú Higienópolis. São Paulo, SP Brasil. (1995). Foto: Romulo Fialdini

1)- Forro de sonhos Pálidos Capela do Morumbi (1996). Foto: Romulo Fialdini.



2- Sobre pérolas (2008). Galeria Thomas Cohn, São Paulo, SP Brasil. Foto: Romulo Fialdini.

3) Instala o Rainha (2000). Foto: Romulo Fialdini.

mulher, uma vida, um desejo. Nos trabalhos seguintes, senti a necessidade de experimentar trabalhar em uma escala maior, uma em que eu não tivesse tanto controle, com maiores riscos e desafios.

Assim nasceu (1) “Forro de sonhos pálidos”, em 1996. A instala o surgiu com a vontade de unir aqueles vestidos que estavam sendo tratados individualmente, de vê-los juntos. Antes eu falava de cada mulher, agora queria contar as histórias coletivamente, como se cada vestido quisesse contar a mesma história. Eles foram colocados no teto da Capela do Morumbi. Ali, eles estavam longe do alcance do público, pendurados, inflados, pareciam nuvens distantes no céu. Representavam ali muitas mulheres, muitos desejos

(2) Dois anos depois, dando continuidade a minha pesquisa, resolvi fazer uma nova instala o, Sobre Pérolas, na galeria Thomas Cohn. Os mesmos vestidos que haviam forrado o teto da capela, metaforicamente, desabaram, cederam ao tempo, desmoronaram no chão. Aqueles vestidos que, no alto, remetiam ao sonho, ao in-



toc vel, agora estavam murchos, desfalecidos. Era possível caminhar sobre eles, sobre as rendas, babados, plissados, pérolas. Ali, havia um sentido mais tátil, estava trabalhando a intimidade, trazendo-a para o público. A violência doméstica acontece no meio do ambiente privado, onde os olhos não têm acesso. Temos o ditado: em briga de marido e mulher não se mete a colher. Meus trabalhos anteriores já tinham, de forma inconsciente, a semente do revelar. Enquanto os vestidos estavam no teto, eles ainda se referiam aos sonhos, ao amor romântico. Quando eles vão para o chão, eu evidencio o paradoxo da institui o do casamento.

(3) Nessa época, fiz uma instala o que considero muito importante., “Rainha” (2000) Ele foi feito dentro da Funda o Armando  lvares Pen-teado (FAAP), durante três meses. Todos os dias, das 8:00 da manhã às 11:00 da noite, eu estava lá para realiz -lo. A “Rainha”   uma escultura de madeira laqueada em branco, que mede 162 x 63 cm. Ela está sobre um tabuleiro de 400 x 400 cm, formado por quadrados de 65 x 65 cm, pintados de maneira intercalada em branco com



brilho e *matte*. Na metade da Rainha, a figura do Rei. Ele é o seu oco, e seu significado está aberto a interpretações: todo rei nasce de uma rainha, ou o ele passou e deixou sua marca, ou um Xeque-mate, ela engoliu o rei... são muitas as possibilidades. Todo o processo de construção foi acompanhado pelos alunos da faculdade. Foi muito enriquecedor para eles acompanhar o processo da artista pois a persistência é fundamental nessa área. O indivíduo pode ser talentoso, mas se não for determinado e batalhador, fica difícil dar continuidade.

Essa instalação foi realizada em 2000. Até então, meus trabalhos eram estáticos. Nesse ano, decidi fazer a minha primeira performance. Precisava de algo real, que pulsasse. Queria fazer algo maior, que eu fugisse do meu controle. Porque as performances não dependem apenas de mim, elas dependem de diversos fatores, é como se elas criassem vida própria.

(4) “Memória do Afeto” (2000) foi a minha primeira performance, realizada no Dia Internacional da Eliminação da Violência Contra a Mulher (25 de novembro). Nesse dia, 150 mulheres vestidas de noiva caminharam pela avenida Paulista, uma das mais importantes de São Paulo, arrancando as pétalas das rosas que elas seguravam. Ao final da caminhada, elas enterraram os galhos cheios de espinhos, em uma praça pública. Para realizar esse evento, tentamos fechar a

avenida, porém não conseguimos autorização. No final, acredito que foi bom, porque as mulheres caminharam na calçada, e as pessoas paravam para olhar, entender o que estava acontecendo, refletir. A polícia, espontaneamente, fechava o trânsito das ruas paralelas para que elas atravessassem as ruas. Foi um percurso muito trabalhoso, para que a performance se concretizasse. O processo envolveu muita gente, desde as mulheres que participaram, lojas de roupas que fizeram doações, policiais que fizeram a escolta, os transeuntes que presenciaram o momento. Todas se comoviam de uma forma ou outra. Por exemplo, o dono de uma floricultura doou 3.000 rosas, me dizendo que estava fazendo aquilo para que “as filhas dele nunca sofresse nenhum tipo de violência”, como se a doação dos buquês funcionasse como um amuleto de proteção. As mulheres que participaram vieram de várias partes: algumas eram alunas minhas, outras faziam parte de uma organização de mulheres chamada Fala Negra, outras eram do Movimento dos Sem Terra., outras da Organização Jardim São Francisco. Quando elas estavam chegando para enterrar os espinhos, saiu espontaneamente uma pomba branca da cova. Na hora de enterrá-los, era para apenas três mulheres jogarem terra, mas ali, na hora, percebi que seria mais interessante que todas tivessem participação nesse momento. Eu gosto

4) Performance Memória do Afeto São Paulo (25 de Novembro de 2000). Foto: Patricia Gato



5) Performance
Memória do Afeto
Madri, Espanha.

(2002). Foto: Marina
Moysés

6) Performance
Lembranças Veladas,
Shangai, China

(2008). Foto: Marina
Moysés

dessa dinâmica, de como a performance é viva, da emoção do inesperado.

(5) Sinto que as performances trazem uma mobilização, desde os primeiros momentos de preparação, durante a apresentação, até depois, seus efeitos reverberam de formas que não conseguimos prever. Elas abrangem muita gente, e causam diferentes efeitos em cada um, sempre trazem reflexão. Por exemplo, quando realizei 5) “Memoria del Afecto”, (2002) em Madri, anunciamos que precisávamos de mulheres que se identificavam com a causa da eliminação da violência contra a mulher para participar da performance. Uma senhora de 80 anos se voluntariou, mas estava insegura, achando que não a chamaríamos por ser muito idosa, que não caberia em um vestido de noiva. Ela nos disse que estava lá porque queria ajudar outras mulheres, mostrar suporte. Porém, quando se viu vestida de noiva, ela caiu no choro. Lembrou da opressão que havia vivido com o marido, já falecido. Percebeu que estava ali pelas outras, mas também, e principalmente por ela própria. Foi um momento muito bonito de catarse que ela viveu, e que me impactou bastante.

(6) Cada performance tem uma história, uma particularidade. Em cada lugar que ela é feita, a cultura local tem grande influência no processo. Em 2008 fui convidada para realizar uma perfor-



mance no Dia Internacional da Eliminação da Violência Contra a Mulher pelo museu Zendai MoMA, em Xangai. Nesse trabalho, 80 mulheres se vestiram de noiva e caminharam por uma praça. Cada uma carregava uma cesta com lembrancinhas de casamento. Na China, é tradição que os noivos distribuam lembrancinhas embrulhadas em tule vermelho contendo três frutos para dar sorte ao casal, cada um com um significado diferente. Essas lembrancinhas são geralmente entregues aos convidados junto com um pequeno cartão com um agradecimento e o nome dos noivos. Na performance, esse cartão foi dobrado ao meio, e o texto foi feito em mandarim. Na capa estava escrito Beth Moysés, e no lado interior, em vermelho, a palavra “Medo”. Na contracapa constava Dia Internacional da Eliminação da Violência Contra a Mulher: As mulheres se posicionaram na praça e permaneceram imóveis por um período, enquanto o público observava. Logo depois, começaram a distribuir as lembrancinhas. Eu acredito que esta ação ofereceu ao público a oportunidade de refletir sobre o papel da mulher na cultura chinesa a palavra “Medo” deixou muitos surpresos.

(7) No ano seguinte, realizei uma performance em Morille, intitulada “Miedo”(2009). Nesta ocasião, recebi a proposta de enterrar um trabalho e, pensando no conceito da minha própria obra, decidi enterrar um bastidor branco com a pala-



vra “Miedo” bordada em vermelho. O bastidor foi enterrado dentro de uma caixa de alumínio e coberto por terra. Sobre a terra, uma placa com o epitáfio: “Que descanses en ti, y en nosotras también.” Metaforicamente, o medo foi morto e enterrado também dentro de todas nós.

(8) Um trabalho que envolveu muita gente e me marcou profundamente foi a performance “Memória de Afeto” (2005), feita em Sevilla. Primeiro eu me reuni com mulheres que viviam na Casa Abrigo, vítimas de violência doméstica, em frente à Igreja da Sé, no centro de São Paulo. Ali, cada uma criou um objeto que fosse simbólico para ela, que ela gostaria de eliminar de sua vida. Levei essa mala, cheia de significados muito fortes. Chegando lá, vou até o presídio, trabalhar com mulheres que haviam assassinado seus parceiros. Eram vários casos, a maioria havia cometido o crime para escapar de violência. Eram pessoas cheias de dor, raiva, medo. Lá também elas construíram objetos carregados com suas lembranças, que gostariam de abandonar. Na Casa Abrigo de Sevilla, outras mulheres que viviam ali escreveram cartas, lacradas, para deixarem no passado. Juntei todos os objetos e cartas, que foram carregados, na performance, por mais 170 mulheres, algumas que estavam carregando seus próprios objetos. Um grupo de quatro presas foram autorizadas a participar, então foram escoltadas pela polícia. No fim da performance, foi acesa uma fogueira, onde

tudo foi queimado. Todas estavam vestidas de noiva, e o contraste entre os vestidos brancos e o fogo produzia uma imagem fortíssima. Foi um trabalho muito ritualístico, que carregou muita energia. Eu queria que elas queimassem a angústia que elas carregavam, me lembrei muito de quando as “bruxas” eram queimadas, e meu propósito era inverter a ordem da inquisição.

(9) Acho que o ritual de queimar, enterrar, colocar um basta ajuda a todas a seguir em frente, abandonando o passado. Em “Reconstruindo Sonhos” (2007), performance realizada em Cáceres, o ritual foi deixar o sofrimento no museu. Aqui, as mulheres caminharam pela cidade vestidas de noiva, com uma luva branca transparente que simbolizava a própria pele. Em uma praça da cidade, sentadas em círculo, elas bordaram a luva, com uma agulha e linha negra. Nesse momento, elas recordam o sofrimento vivido, como se cada ponto fosse uma lembrança, e, de alguma forma, uma transformação do sentimento. Ao tirarem as luvas elas sentiam como se estivessem removendo a pele, para renascer uma nova. As luvas foram deixadas no chão, e posteriormente, recolhidas pela diretora do Museu Vostell, em Malpartida.

(10) Esse fazer artesanal, a costura na luva, me remete à minha própria infância. Minha mãe se levantava muito cedo, e, do meu quarto, eu ouvia o barulho da máquina de costura. Ali, ela passava o dia trabalhando. Ela fazia muitos

7) Performance MIEDO, Morille, Espanha. (2009). Foto: Adora Calvo

8) Memória do Afeto Sevilla, Espanha (2005). Foto: Beth Moysés



9) Reconstruindo Sonhos Cáceres, Espanha. (2007). Foto: Beth Moysés

vestidos de festa, usava seda, cetim, algodão. Decidi trazer para a minha arte essa lembrança tão forte da minha mãe. Assim surgiu “Mil Ataduras”, em 2018. Nesse ano minha mãe estava com noventa anos, ainda cheia de energia, mas com o corpo cada vez mais fraco e dolorido. Nesse trabalho, troquei os tecidos nobres por gaze, tecido usado no ambiente hospitalar, para estancar sangue e proteger feridas. Usei uma máquina de costura da mesma idade da minha mãe para unir esses pedaços de gaze. É uma homenagem às mil mulheres que foram mortas por seus parceiros nos últimos 15 anos na Espanha. Mil pedaços de gaze foram distribuídos às mulheres espanholas, algumas do Grupo Caja de Pandora, outras do grupo Ni una a Menos, e outras do Madrid y la Cruz Roja, propondo que



elas bordassem a inicial dos nomes das vítimas, vibrando uma boa energia por elas. É um *work in progress*: o trabalho da costureira é unir, formando pouco a pouco um manto que vai se construindo, com essas vidas cortadas, imprimindo uma nova vida nesse manto branco.

(11) Os números da violência doméstica são assustadores, e eu sinto que é minha função denunciar, alertar, e mostrar onde buscar ajuda. Daí surgiu a Intervenção Pública 180, feita em São Paulo, no dia 25 de novembro de 2016, Dia Internacional para a Eliminação da Violência Contra Mulheres. O título corresponde ao número de telefone que socorre, imediatamente, as mulheres que estão sofrendo algum tipo de violência. Neste ano fiz uma homenagem às irmãs Mirabal, conhecidas

10) Work in progress –Mil Ataduras, Galeria Fernando Pradilla. Madri, Espanha. (2018). Foto: Beth Moysés

11) Intervenção Pública 180, São Paulo – SP, Brasil. (2016). Foto: Beth Moysés





também como as Mariposas, que lutaram pela liberdade durante a ditadura de Rafael Trujillo, na República Dominicana, e foram brutalmente torturadas e assassinadas no dia 25 de novembro de 1960.

Para realizar essa homenagem, recorremos à três ambulâncias, sendo que cada uma transportava uma mulher, com sua história pessoal de vida. Elas representavam as Irmãs Mirabal: Minerva, Pátria e Teresa. As ambulâncias rodaram por toda a cidade de São Paulo denunciando a emergência desta doença social. As sirenes gritavam por todos os cantos: basta!!!

(12) Realizei performance com números grandes de participantes, algumas chegaram a ter 200 pessoas, mas também fiz trabalhos com números não tão expressivos, mas que foram muito significativos. Em “Aurora”, éramos 8 mulheres. Nós saímos de madrugada, e caminhamos por quase 3 horas pelo centro de Madri, até o amanhecer, segurando uma bandeira feita de gaze. Não havia ninguém presenciando, apenas quem filmava. Passamos por lugares que foram importantes para as mulheres na história da cidade, incluindo um local onde as feministas costumavam se unir na época do Franco, e terminamos no Monasterio de las Descalzas Reales. Era ali onde as mulheres que não se casavam eram levadas e enclausuradas. Elas não sofreram nenhuma violência pelas mãos dos maridos, mas tinham sua existência anulada pelos próprios

pais. Ali colocamos nossa bandeira. Em cada lugar que passamos, fizemos uma prece e um agradecimento pelas nossas antecessoras que ali estiveram já cooperando com alguma mudança. Estávamos literalmente caminhando em direção ao amanhecer. Mesmo sendo uma performance pequena, acredito que qualquer movimento tem força de mudar e educar, assim como uma pedrinha que cai em um lago, e as ondas que se formam na superfície da água se propagam em círculos cada vez maiores.

(13) Em 2008, fiz a performance Diluídas em Água, em Zaragoza. Nesse trabalho, 20 mulheres que viviam em uma Casa Abrigo receberam vestidos brancos e uma caneta vermelha, para escreverem no avesso dos trajes os seus sofrimentos. A roupa se converteu em uma grande página, como se fosse um diário. No momento da performance, esses vestidos foram usados por outras mulheres, que já tinham, no passado vivido a violência doméstica. Elas sabiam identificar muito bem o que era essa dor, portanto, estavam ali pela causa. Usando uma anágua debaixo do traje e, com uma barra de sabão nas mãos, elas caminharam até uma praça da cidade. Em círculo, tiraram o vestido, revelando o texto que estava no avesso da roupa. Foi quando o público pode entrar em contato com o sentimento daquelas mulheres anônimas, que ainda não podiam mostrar seu rosto. Em frente de cada uma havia uma bacia cheia de água. Em

12) Performance pública AURORA, Madri, Espanha. (2019). Foto: Antonio Martinez Gallardo.

13) Performance pública “Diluídas em Água” Zaragoza, Espanha. (2008). Foto: Beth Moysés



14) Performance pública “Águas Transitórias” Porto, Portugal. (2017).
Foto: Luisa Moysés

um ato de união e solidariedade, elas lavaram os vestidos, tentando remover as memórias gravadas pelas outras mulheres, que ficaram retidas nessas roupas. Depois de lavados, elas torceram e colocaram os vestidos novamente. Nesse momento eles estavam limpos, porém rosados, pois nada sai por completo. Todo conteúdo dos textos ficou nas bacias, diluído em água. Depois fiquei sabendo que três das mulheres que estavam na Casa Abrigo haviam saído para ver a performance, e, ao final, pegaram as águas sujas das bacias e jogaram no rio, para que a tristeza fosse levada de vez pela correnteza...

(14) Quase dez anos depois, a água foi mais uma vez ferramenta de limpeza em “Águas Transitórias” (2017), realizada no Porto, em Portugal. Ali, participaram vinte pessoas vestidas com túnica branca lisa, representando mulheres que viveram, em seu corpo e alma, a atrocidade da violência. É um trabalho de cariz poético que nos fala metaforicamente de possíveis recomeços. Tudo é temporário, ou seja, tudo são “águas

transitórias”, tal como Heráclito refere: “Não nos banhamos duas vezes no mesmo rio”. Cada uma destas vinte mulheres que compõem a performance plantou um galho da árvore da romã, símbolo do amor e da fertilidade. Depois, elas regaram a plantação com águas do Rio Douro, energizando-a com desejos de coragem, ânimo e força. Os frutos vindouros são – simbolicamente – novos caminhos.

(15) Através do meu trabalho eu desperto consciência nos outros, e em mim. Na série de fotos “Casamento no Carandiru” (2000), fui convidada para emprestar os vestidos de noivas para um casamento coletivo que iria acontecer na casa de detenção. Aceitei o convite pois me intrigava a decisão daquelas mulheres que podiam buscar um homem livre, no entanto escolheram se casar com um homem confinado na prisão. Conversando com elas, me dei conta que as respostas eram muito parecidas: diziam que muitas mulheres que elas conheciam não eram felizes em seus relacionamentos, que passavam



anos sofrendo de solidão e muitas vezes eram agredidas. No caso delas, nos dias de visita, que acontecia uma vez por semana, os homens as esperavam apaixonados, perfumados, ansiosos, com saudades. Com os parceiros presos, elas não precisavam se preocupar se eles estavam sendo infiéis, e não sofriam nenhum tipo de violência doméstica. Foi quando eu percebi pela narrativa delas que tinha alguma coisa de conto de fadas ao contrário, que subvertia uma certa lógica de poder, nesse jogo entre homem e mulher, um jogo muito cruel e muito estabelecido socialmente: onde a espera é da mulher, e é o homem quem toma a decisão. Quando o homem está preso, ele assume um papel até então

feminino. Essa inversão de papéis trouxe-me uma certa reflexão. A escuta dessas mulheres me fez pensar a estrutura da nossa sociedade, o poder entre o homem e a mulher, que fica escondido e é revelado com o meu trabalho.

(16) Alguns trabalhos nasceram a partir de sonhos. Quando isso acontece, eu me coloco como protagonista. O vídeo “Gotejando” (2000) é um desses casos. Foi gravado em um ambiente privado, onde eu e minha filha trocamos sentimentos e experiências. Eu vestida de noiva, e minha filha, que era uma criança na época ia retirando, uma a uma, as pérolas do meu vestido. O vídeo fala sobre o que ocorre no ambiente doméstico e que muitos acreditam que fica retido

15) Fotos Casamento no Carandirú, São Paulo, Brasil. (2000). Foto: Beth Moysés



16) Video Gotejando,
São Paulo, SP, Brasil.
(2001). Still: Tiago
Judas

17) Video Ex-purgo.
Sao Paulo, SP, Brasil
(2011). Still do video:
Matias Lancetti

entre as quatro paredes. Porém, as pessoas se movimentam, vivem em comunidade, e o que é vivido na intimidade do lar acaba contaminando o exterior de alguma forma.

(17) Outro trabalho que surgiu com um sonho que eu tive chama-se “Ex-purgo” (2008). Eu havia sonhado com uma ferida na minha mão que tinha o desenho de uma colmeia, com hexágonos perfeitos. O vídeo que fiz a partir desse sonho mostra a minha mão fechada se abrindo, revelando a ferida em forma de colmeia, que em suas concavidades purgam mel. Esse trabalho, que partiu do meu inconsciente, revela muitos significados sobre como eu vejo a minha arte. Ele fala sobre uma ferida que é minha, e que, elaborada com terapia, e com a minha própria arte, chega às outras pessoas. As abelhas não trabalham sozinhas, o mel é fruto do trabalho coletivo.... Então, acredito que, em primeiro lugar, a arte me educou, porque me transformou em outra pessoa. E, a partir de mim, minha arte pode ter mudado a vida de outras pessoas também.

(18) Algumas vezes os trabalhos marcam pelo momento em que são realizados, outras ficam como uma cicatriz na cidade, gerando questionamentos ou surpresa em quem passa por ele. No centro de São Paulo, em frente ao mosteiro de São Bento está Mosaico Branco, uma performance-instalação. Na performance, 60 mulheres vestidas de noiva carregaram, cada uma,



um pedaço de mármore branco. Sobre uma cratera no chão, elas colocaram os pedaços de mármore, que, em um encaixe perfeito, formam um círculo. Esse círculo permanece ali, onde os pedestres passam por cima. Katia Canton escreveu um texto sobre esse trabalho que eu considero muito belo:

É como se cada mulher, cada noiva, colocasse ali um pedaço de seu afeto, uma parte de suas esperanças. Unidas, como num jogo de quebra cabeças que por fim encontra sua forma possível, esses afetos, essa esperança, esse amor, ficam potencializados enquanto círculo. Forma-se um centro amoroso, dentro do centro da cidade. Ele parece clamar que todo o sonho de paz embutido na cor branca dos vestidos e do mármore forme um fecho de solidariedade, a espelhar e a penetrar o agora em diante. É assim que esta performance-instalação transcende os limites da arte e ganha um significado de urgência amorosa dentro de um universo de violências cotidianas, que sempre começa nas relações amorosas e familiares e contamina todos os tipos de situações da vida na cidade. (CANTON, 2001, p.56-56)

(19) Em Dublin, realizei a performance “Removing Pain”(2010) no Dia Internacional Eliminação da Violência Contra a Mulher. Após a performance, que foi realizada em uma universidade, ficou no chão do local uma pedra branca de mármo-



re, em formato de lápide, constando somente meu nome, a data e o nome da performance. Acho que muitos dos que passam por ali devem ser movidos por alguma curiosidade, sobre o que aquilo significa... No ano seguinte, nesse mesmo dia 25 de novembro, a Diretora da Universidade de Dublin resolveu chamar os alunos e contar o significado dessa pedra cravada no chão. Isso passou a fazer parte do currículo escolar. A Irlanda é um lugar onde se bebe muito e os homens bêbados tendem a ficar agressivos com a companheiras. Até 2010, as mulheres que passavam por algum tipo de violência demoravam muito para denunciar o parceiro e quando resolviam era por telefone e com muito medo. Hoje as coisas estão diferentes por lá, elas passaram a falar abertamente sobre o assunto. Fico feliz em saber que a performance plantou uma sementinha naquele lugar.

(20) Eu realmente acredito que a minha arte pode fazer diferença, seja pela reflexão que ela pode causar, ou por ser realmente um processo de cura. Em dois trabalhos, falo especificamente sobre isso, sobre “tratar a alma”. *Almas Prematuras* (2003) foi uma instalação feita de uma incubadora hospitalar com 200 corações de porcelana branca. Estes corações ocupam o lugar por onde vários recém-nascidos, prematuros, passaram. Havia um pequeno texto na parte de baixo da máquina, onde troquei a frase “Incubadora para recém-nascidos” por “Incuba-

dora para Almas Prematuras”. Quando coloco esses corações dentro de uma incubadora é para gerar uma estranheza. Será que esses corações ficarão maduros para o amor?

(21) A performance-instalação “Frente e Verso”, realizada 2005, aborda um assunto similar. Ela aconteceu dentro do antigo hotel Lord Palace, situado no centro da cidade de São Paulo. Um dos quartos foi transformado em quarto de hospital. Ambos são lugares de passagem, mas os hospitais sempre geram mudanças. No dia da inauguração da exposição o público teve uma surpresa: um casal conectado por uma sonda estomacal permaneceu deitado em uma cama hospitalar, por quatro horas. Eles se retro-alimentavam, como um alimentava o outro, um sugava o outro, eles eram co-dependentes... Percebi que o trabalho gerava uma certa resistência. Ninguém gosta de ir para o hospital, nem que seja como visitante. Esse casal, como os corações na incubadora, está em recuperação, precisam de um amparo, uma sustentação simbólica.

(22) Meus trabalhos frequentemente dialogam entre si, mesmo que eu não me dê conta no momento que eu estou desenvolvendo-os. Essa ideia de retro-alimentação está muito presente na performance “Circunvolvendo”, feita no mesmo ano. Esta performance foi realizada em São Paulo, em diferentes praças e regiões da cidade. As mulheres faziam parte do

18) Mosaico Branco por 60 mulheres, São Paulo, SP, Brasil. (2001). Foto: Freddy

19) Removing Pain, Dublin, Irlanda. (2010). Foto: Maysa Pereira



20) Instalação "Almas Prematuras" Galeria Thomas Cohn, São Paulo, Brasil (2003) Foto: Romulo Fialdini

21) Performance Instalação "Frente e Verso" Lord Palace Hotel, São Paulo, Brasil. (2004) Foto: Beth Moysés

público local de cada região. O trabalho contou com a participação de 50 mulheres, que permaneceram em silêncio durante toda a ação. Sentadas no chão, em círculo, cada uma tinha nas mãos um novelo de lã na cor branca. O fio de dentro do novelo de uma estava unido ao fio de fora do novelo da outra, formando uma linha contínua. Ao mesmo tempo em que cada uma enrolava seu novelo, estava constantemente doando a linha para a pessoa ao lado. Como se formassem, entre elas, uma corrente sanguínea, fazendo com que cada uma refletisse o ato da repetição ao dar e receber a linha. Juntas, trocavam suas experiências, formando uma grande circulação, que começava com cada uma delas e se estendia a todas elas. Elas usavam no ouvido um protetor auditivo abafador da 3M, possibilitando a interiorização e o silêncio. Era interessante notar que algumas puxavam o fio mais rapidamente, formando um novelo maior, deixando a sua companheira, com um novelo menor. Após a performance, algumas me revelaram que enquanto elas vivenciavam essa experiência, elas refletiam:



uns com tanto, outros sem nada, por um lado estamos sempre doando, mas recebemos de outra pessoa, estamos juntas em uma mesma situação de continuidade e solidariedade.

(23) A arte trata e cura tanto quem participa ativamente das performances, como o público que se deixa tocar. "Despontando nós" (2003) foi um vídeo que foi realizado no período em que trabalhei com um grupo de mulheres na periferia de São Paulo e também dentro da Delegacia da Mulher. Em nosso encontro semanal, muitas vezes eu levava caules espinhosos de rosas e pedía que extraíssem os espinhos, lembrando dos problemas que viviam ao lado de seus parceiros. Os comentários eram variados como, por exemplo, "Esses espinhos não darão conta da quantidade de sofrimento que vivo..." ou "Quero tirar o espinho bem do fundinho...", como se assim arrancassem a dor cravada no meio do peito. Enquanto eu filmava, notei a dificuldade que elas tinham em remover seus próprios espinhos. Quando expus esse trabalho na Galeria Thomas Cohn percebi o quanto ele mexia com o público, o vídeo foi mostrado em looping e as pessoas



ficavam muito tempo assistindo. Alguns me diziam que ajudavam a remover os espinhos, outros diziam que acabaram por tirar os seus próprios, como se gerasse um apaziguamento.

(24) Em 2007, realizei a instalação “Auscultame”, que consiste em um díptico: duas fotos de uma mesma mulher. A primeira tem um aspecto íntimo, é uma foto onde ela se ausculta, através de um estetoscópio. A outra, é uma foto onde o estetoscópio é real, ele sai do corpo dela e permite que o público escute o seu segredo, o poema de Orides Fontela (2006, p.83):

TELA

I

O

tecido:

não sabemos qual

a trama

II

Avesso

ou

direito:

como julgar o denso

amor vivido?

(25) Aqui, a mulher se escuta, e permite ser escutada, o público e o privado estão nesse limiar: onde começa um e termina o outro. Al-

guns anos depois, realizei um trabalho que eu considero que leva à questionamentos semelhantes. Eu fui em vários confessionários na Espanha, e contei aos padres as histórias de violência que eu escutava na Delegacia da Mulher. Sem eles saberem, gravei os conselhos que eles me deram. Fiquei muito surpreendida, pois, em um país tão conservador, imaginei que os padres me diriam para aguentar o sofrimento pela instituição do casamento. No entanto, em 2016, todos os padres com quem conversei me disseram a mesma coisa: você está correndo perigo, saia de casa. Realizei a instalação “Consejos”, onde o público se ajoelha em um banquinho de confessionário e escuta os conselhos em um fone de ouvido.

Acredito que ouvir uma “absolvição” de um padre, que retira a culpa da vítima, é uma forma poderosa de regeneração. Tinha e tenho minhas ressalvas em relação à Igreja, mas esse trabalho me surpreendeu positivamente.

(26) No ano de 2014, em Jaén, trabalhei com mulheres da Casa Abrigo. Em uma vivência intensa de quatro horas, pedi para que cada uma pensasse em uma frase relacionada à violência. Ao final do processo, toquei a “absolvição” dos padres de “Consejos” para que elas escutassem. São mulheres com a autoestima tão baixa que elas acabam acreditando

22) Performance pública “Cincunvolvendo” São Paulo, SP, Brasil. (2005). Foto: Beth Moysés

23) Vídeo performance: Despontando Nós, São Paulo, SP, Brasil (2003). Foto: Beth Moysés



24) Foto - Objeto
"Auscultame" Galeria
Fernando Pradilla,
Madri, Espanha
(2007). Foto: Beth
Moysés

25) Instalação Sono-
ra - Consejos, Galeria
Fernando Pradilla,
Madri, Espanha.
(2016). Foto: Beth
Moysés

que são culpadas pelo fracasso do relaciona-
mento. Foi um momento de muita emoção,
todas choraram muito, e muitas me disseram
que, até ouvirem aquelas palavras, ainda
carregavam a culpa da separação com elas.
Posteriormente, as frases foram tatuadas a
caneta nos braços das mulheres, e reveladas
durante a 27) performance "Palavras Anoni-
mas" (2014). No mesmo ano, realizei a mesma
performance na Venezuela. Foi um trabalho
muito emocionante para mim e para as mu-
lheres que participaram, que viviam na Casa
Abrigo de Caracas.

(28) O sagrado, o divino, também fazem parte
da arte, e da cura. Meu primeiro grande traba-
lho foi forrar o teto de uma igreja com vestidos
de noiva. Agora, durante a quarentena devido à
pandemia do Covid-19, fiquei isolada em casa, e
tive que interromper projetos, e inventar novas
maneiras de me expressar. Assim surgiu o meu
projeto mais atual, Eu, o céu: no isolamento".
Todos os dias, eu me debruçava na mesma jane-
la, no mesmo horário, às 18 horas (hora da Ave
Maria). E por essa fresta eu emanava energia ao
planeta terra e à todas as mulheres que sofrem
violência por parte de seus parceiros, pois o





26) Workshop Foto Braços Tatuados, Jaén, Espanha. (2014). Foto: Beth Moysés

27) Performance "Palabras Anónimas"- Jaén, Espanha (2014). Foto: Beth Moysés

convívio diário intensificou, ainda mais, o sofrimento daquelas que ficaram reclusas com o seu agressor. A cada dia, do mesmo local, eu fotografava esse momento: apagava a luz da terra, deixando o céu aceso.

Quando desvendamos o que temos no nosso entorno, partindo de nossa própria vivência, da nossa intimidade e expandindo para outros espaços através da arte, vejo como ela é importante, como a linguagem subjetiva melhora o nosso cognitivo e eleva a nossa compreensão de mundo. A arte faz esse papel, é através dela que revelamos o que apreendemos do mundo. Aquilo que queremos de alguma maneira mudar. A arte nos dá esse recurso de poder se comunicar através dela e cada um vai resgatar a sua história, a sua vida, da sua maneira. A história da arte vem acompanhando a história do ser humano, ela sempre esteve em consonância com o momento atual.

O meu trabalho sempre encontrou eco nas pessoas, gerando uma reflexão profunda não só nas mulheres, como nos homens. Cada performance que realizo mobiliza muita gente e essa parceria nos faz crescer, como seres humanos, nos posicionando melhor no nosso dia a dia.

A ação é sempre uma surpresa, principalmente quando a cultura é diferente. Eu aprendo com as mulheres participantes, elas não só absorvem o trabalho, como cada uma delas enriquece o resultado. Os transeuntes, o público de

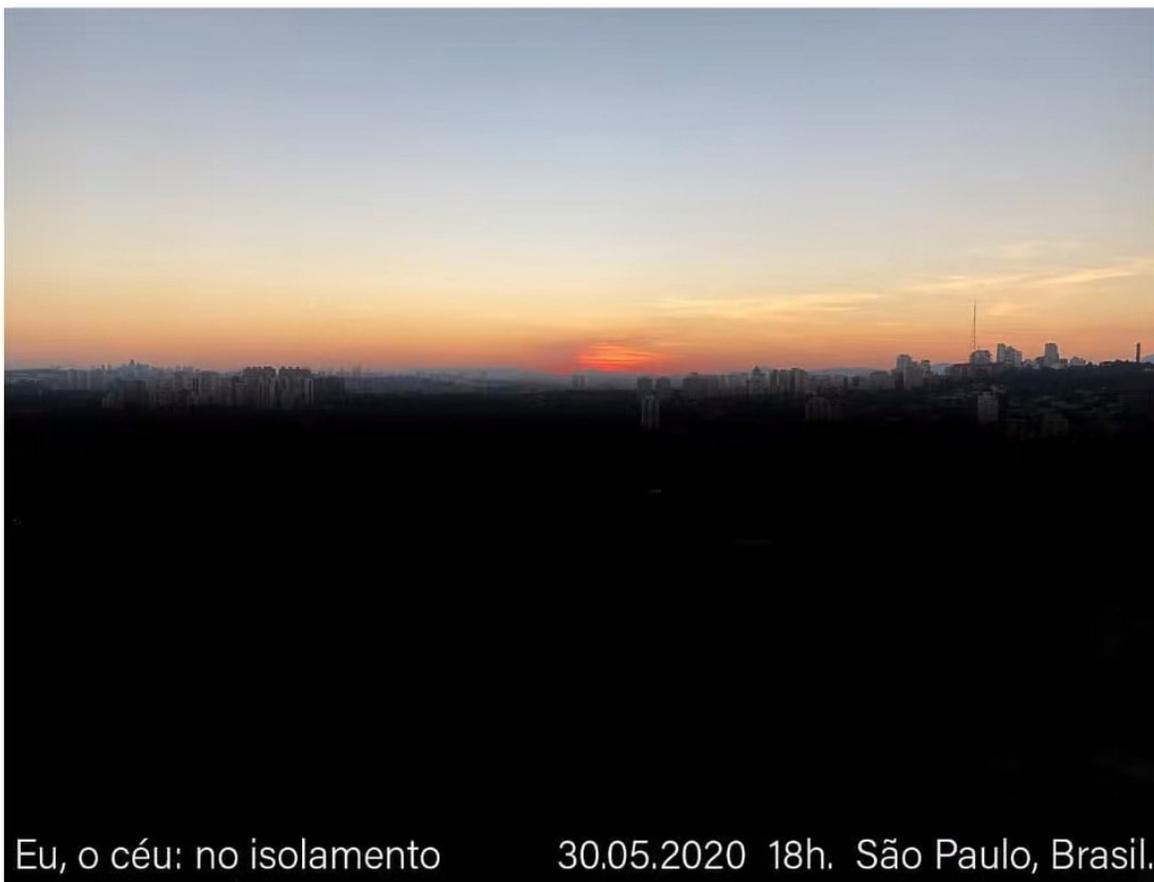


uma forma geral, aquele que vê presencialmente ou através da televisão, internet, jornais, sempre vai assimilar da sua maneira, de acordo com a sua vivência. A partir dessa reflexão eu vejo a arte como grande educadora.

Referências:

FONTENELA, Orides. **Imagem**: poesia reunida (1969-1996). São Paulo: 7 letras OSACNAIFY, 2006. (Coleção Às de colete)

CANTON, Kátia. **In Metro** - A Metrópole em Você de 21 abr. a 24 jun. Catálogo CCBB, 2001.



Eu, o céu: no isolamento

30.05.2020 18h. São Paulo, Brasil.

Beth Moysés

Nasceu em São Paulo em 1960, onde vive e trabalha. Estudou artes visuais na Fundação Armando Álvares Penteado, (FAAP) em 1983. Fez mestrado em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Campinas. (UNICAMP), em 2003. Em 2000, deu início a projetos de performance e, cujo amadurecimento a levou a trabalhar com coletivos artísticos com mulheres voluntárias, muitas delas vítimas da violência doméstica, com a colaboração de Casas Abrigo do mundo todo. Desde então, suas performances já foram realizadas em, além do Brasil, Espanha, China, Uruguai, Panamá, Irlanda, Colômbia, Venezuela, Portugal. Além das performances, Beth continua desenvolvendo objetos, fotografias, vídeos, animação, desenhos, com os quais vem parti-

cipando de exposições no Brasil e no exterior, coletivas e individuais, cuja curadoria giram em torno de questões envolvendo mulher, feminismo e a Violência Doméstica.

28) Cartão postal- Eu, o céu: no isolamento. São Paulo, SP, Brasil. (2020). Foto: Beth Moysés